



# IRRITAÇÕES

## **Ficha Técnica**

Edição: USFE EDITORA

Autores: Alunos de Escrita Activa

Capa e design: João Gomes

© Universidade Sénior Florbela Espanca  
Interdita a reprodução, total ou parcial,  
do conteúdo desta obra sem autorização.

# IRRITAÇÕES

Prefácio	
Um exercício de escrita activa.....	4
Estar bem, em paz e cuidada	
Isabel Lago.....	5
Crónica de um dia quase imperfeito	
Margarida Marques.....	7
Tanto... por nada	
Fernanda Barbosa.....	9
Fim de semana, de pesadelo e sonho	
Vítor Rocha.....	10

# Prefácio

## Um exercício de escrita activa

Esta compilação de textos resulta de um exercício de escrita activa realizado na Universidade Sénior Florbela Espanca.

Fartos de falar de pandemia, dedicamos uma aula exclusivamente às pequenas coisas do quotidiano que têm o condão de nos tirar do sério, não sendo, na prática, um problema. Entre todos os alunos presentes compilamos a seguinte lista de irritações:

- Ouvir a Mafalda Veiga a cantar ou a Cristina Ferreira a falar
- Furar um pneu
- Ter o(s) multibanco(s) mais próximos fora de serviço ou sem dinheiro
- Alguém nos mudar as coisas de sítio dentro da nossa casa
- Ouvir o barulho de alguém a mastigar / ver alguém a comer de boca aberta
- Tirar um pano da cozinha da gaveta e descobrir que não foram passados a ferro
- Não conseguir que o nosso cão pare de ladrar
- Ter alguém a bater com os pés num banco com múltiplas cadeiras numa sala de espera
- Pôr rolos no cabelo depois de o lavar e ficar despenteada ao retirá-los
- Alguém mudar o canal da televisão quando estamos a ver um programa
- Ver lixo espalhado na rua
- Tocarem à nossa campainha e fugirem a seguir
- Alguém estacionar num sítio que condiciona o resto do trânsito
- Acordar com o som do despertador a tocar
- Fechar a porta e deixar as chaves dentro de casa
- Perder o telemóvel dentro de casa
- Receber chamadas de números anónimos
- Deixar acabar o papel higiénico sem um rolo novo à mão
- Deixar embalagens vazias nos armários ou frigorífico
- Pegar numa esferográfica que não escreve quando precisamos de anotar alguma coisa
- Ficar sem água quente quando estamos a tomar banho
- Emprestar o carro a alguém que o devolve sem gasolina, com arranhões ou amolgado

De seguida os alunos foram desafiados, em regime facultativo, a escrever um texto narrativo, ficcional, com um máximo de 2 folhas (4 páginas) onde a personagem principal tivesse de lidar com uma ou mais destas "irritações".

Os textos que se seguem são o resultado deste exercício.

# Estar bem, em paz e cuidada

Isabel Lago

Caro amigo e professor João,

Começo por lhe dar os parabéns pelo título escolhido para este trabalho com que vamos começar este novo ano lectivo. Penso que, dadas as coordenadas em que vivemos, este título é definitivamente o mais apropriado para começarmos a trabalhar depois deste longo período de paragem laboral e escolar e outras coisas mais em que a maior PREOCUPAÇÃO foi evitar um insecto que ninguém viu (mesmo que alguns o tenham sentido) e que ninguém foi capaz de fotografar ou apanhar para mostrar às pessoas mais interessadas nele. Refiro-me à Direcção Geral de Saúde, à Ministra da Saúde e restantes *muchachos* que assim teriam pelo menos o prazer de fazerem uma sessão televisiva pública, talvez até à nível mundial, para mostrarem ao povo, ignorante e desobediente, o grande culpado de tantas chatices e medos que, ao longo dos últimos 2 anos, por razões estranhas que irritam toda a gente, nunca ninguém viu. Mas o bicho não se deixou fotografar, nem mesmo pelo salvador da situação sanitária do país, um senhor almirante, muito eficaz e simpático e, convenhamos, também de boa figura que, orientando a vacinação, terá evitado mais mortes e confirmado a nossa vocação de país de grandes marinheiros.

Até dito marinheiro nos ter salvo *in extremis* da triste situação em que os políticos nos deixaram, vivíamos como naufragos que perderam a rota, numa indefinição que instalou no nosso povo um estado de irritação profunda. E essa irritação constituiu, por si só, uma espécie de resposta pessoal de cada um de nós a esta pandemia que nos complicou a vida.

Fomos forçados a suportá-la sem lhe podermos fugir e por isso tivemos de suportar os seus quereres, adaptando-nos dentro das nossas possibilidades... E assim, passamos todos a viver uma irritação colectiva, quase esquecendo a sua origem - a pandemia.

Chegou a hora de olharmos para nós e nos perguntarmos que momentos nos destabilizaram e de que forma podemos diminuir a irritação diária que nunca deixamos de sentir. No meu caso, a minha vida ficou virada de pernas para o ar. O meu marido adoeceu no Natal e faleceu a meio do segundo ano da Pandemia. Teimosa como sou, tentei viver na continuidade possível até as minhas filhas resolverem “adoptar-me” e mimar-me.

Começaram por mudar a casa, da porta da entrada ao jardim, que virou relvado, para adoçar a falta do pai. E assim ganhei um espaço de sol espantoso. Dentro de casa, libertaram-me das velharias e de tudo o que estava a mais. A casa ficou mais minha e ganhei roupa nova em troca da que foi doada a quem mais precisa. Tive pena de perder alguns objectos mas fui compensada com uma casa, muito mais prática, só para mim.

Apesar da solidão sinto-me bastante acompanhada com a televisão e com o youtube, de que sou fã. Música de manhã à noite e ninguém para mexer nos meus aparelhos. Agora posso adormecer no sofá sem comentários queixosos e sem vergonha de fazer feio.

Agora só peço paz para descobrir e gozar esta nova forma de viver. Infelizmente o meu vizinho do lado lançou-me um novo desafio: há alguns anos comprou um cão de companhia para o filho. Entretanto, divorciou-se e o filho sai de manhã cedo para o colégio e ele para o trabalho deixando para trás o bicho a uivar e a ladrar todo o dia... Desesperada, já tentei ensiná-lo a

falar, o que resultou num óbvio fracasso e irritação contínua. E com boas razões para tal, como devem imaginar.

Mas durante este tempo, também tenho aprendido muito. Assim Deus me ajude a continuar bem e a aceitar a oferta de, apesar de tudo, estar bem, em paz e cuidada.

Matosinhos, 17 de Novembro de 2021

A sua aluna aplicada,

*Isabel Lago*

# Crónica de um dia quase imperfeito

Margarida Marques

Esta é a crónica de um dia quase imperfeito.

Acordo com o som irritante do despertador. Seis da manhã! Foi certamente a empregada que, com a mania de limpar meticulosamente o pó, alterou a hora de despertar.

Viro-me e reviro-me na cama mas não consigo voltar a adormecer. Pensando bem, até me vai fazer jeito acordar cedo mas seis da manhã é demasiado cedo.

Quase automaticamente, pego no caderno pousado na mesa-de-cabeceira e penso transmitir-lhe os meus pensamentos matinais. Mas não consigo. A maldita esferográfica recusa-se a escrever. Lá ponho um pé fora da cama em busca de outra caneta que esteja disponível para atender aos meus devaneios.

Abro as portadas da janela e encontro o vazio do dia, ainda noite, escuro e silencioso sem uma lua brilhante na disposição de me acompanhar. Assim como assim, já que me levantei, vou tomar o pequeno-almoço.

Dirijo-me à cozinha, abro o frigorífico, pego na garrafa de leite e... Oh!!! A garrafa está vazia! Que raiva! Felizmente havia mais na dispensa.

Ligo o rádio e não quero acreditar! A voz estridente da Mafalda Veiga logo pela manhã! Não! Mas é que não mesmo!!! Efectivamente, hoje nada me corre bem.

Refugiu-me num café bem quente e num fofo pão com manteiga que servem de aconchego para o estômago e para a alma. O tempo parece não passar. Talvez essa sensação se deva ao frio nocturno do verão de S. Martinho.

Pego no tablet com intenção de ler o jornal online. Foi só intenção. A net não está a funcionar. Ligo e desligo o router. Talvez assim o problema se resolva. Já resultou em situações anteriores mas desta... nada! Não há mesmo sinal.

Procuro o telemóvel a fim de ligar para a operadora mas onde o terei deixado? Tenho a ideia genial de ligar do telefone fixo para ele tocar mas, do outro lado da linha, uma voz feminina de tom mecânico informa que se encontra desligado. Descarregou-se durante a noite e agora vai ser difícil encontrá-lo.

Recordo mentalmente as minhas acções no dia anterior para tentar lembrar-me onde o teria deixado antes de me deitar, mas sem sucesso. Já desesperada, procuro, procuro e nada. Sento-me e tento acalmar-me. Sei que está dentro de casa. Reinicio as buscas.

Nada!!!

O melhor é esquecer tudo isto e tentar que o dia se inicie como se nada de anormal se estivesse a passar. Entretanto o sol nasceu, começou a aquecer a fria manhã e lá fora os passarinhos estão a chilrear.

Aproveito a brisa de boa disposição para tomar o meu duche e refrescar as ideias antes de voltar à busca do telemóvel perdido. Tiro a roupa enquanto a água corre e, num gesto automático, começo a molhar-me. Sai-me um grito. A água está fria! Gelada!!! Brrr...

Afinal o que se passa? Será que o mundo está contra mim?!

Visto-me de novo e toca a ir ao exterior verificar se existe algum problema com a caldeira. Está desligada?! Mas como?! Como foi possível isto acontecer logo quando mais precisava de água quente?!

Lá tive de por um pouquinho mais de desodorizante e água-de-colónia para mascarar a falta do banho.

Tenho de retomar a busca pelo telemóvel mas não consigo imaginar mais locais para procurá-lo. Convenço-me que que cresci sem esse maquiavélico (embora muito útil) instrumento e resolvo sair para uma caminhada debaixo de um sol quentinho para apaziguar a minha revolta.

Inacreditável!

Está um carro parado em cima da rampa da minha garagem! Olho para todos os lados na tentativa de localizar um condutor apressado e menos atento. Nada!

Com tantas contrariedades, o bom humor matinal e os planos traçados, desapareceram. Que vou fazer? Peço, ou não, a intervenção do reboque da policia?...

Indecisa, volto para dentro de casa. A net continua sem funcionar. Ligo a televisão e sou brindada com a voz da Cristina Ferreira. Desligo de imediato, sem vontade de procurar outro canal. Detesto quase todos os sons demasiado agudos.

Sento-me no sofá para tentar encontrar algo de bom nesta manhã com tão mau início e embato num objecto duro. Ali estava o telemóvel! Faço a chamada para reclamar da falta de serviço. Sigo as instruções que me são dadas e finalmente algo de positivo acontece.

Volto à porta e o carro, de que não cheguei sequer a anotar a matrícula, tinha desaparecido.

O relógio marca as 14:30. A hora de almoço tinha passado, mas o estômago não a esqueceu. Afinal o dia não estava a correr tão mal como inicialmente estava a parecer mas fiquei a reflectir na minha dependência do carro, da TV, da internet, do telemóvel e do gás enquanto tomava um banho com água bem quente!



# Tanto... por nada

Fernanda Barbosa

Ufa! Ainda bem que o dia acabou!

De manhã, bem cedo, fui despertada pelo som estridente do telefone. Meia ensonada, atendi mas, do outro lado da linha, alguém se limitava a respirar fundo sem falar palavra que fosse.

Desliguei logo e, convencida que não iria voltar a pegar no sono, resolvi lavar o cabelo. Assim pensei, mais depressa o fiz e, no fim do banho, meti os rolos no cabelo. Só que, quando fui buscar o secador, não o encontrei. Alguém o usou e depois mudou-lhe o sítio.

Nem me dei ao trabalho de o procurar na certeza de que não lhe encontraria o rastro. Há dias que mais parece que moro no Triângulo das Bermudas. Paciência! Tirei os rolos e, com o cabelo ainda molhado, desci para a garagem para sair com o carro.

Azar dos azares, tinha um carro estacionado mesmo em frente à minha porta. Esperei uns minutos e, já um pouco enervada, comecei a buzinar até que chegou uma senhora, que arrancou de imediato sem sequer pedir desculpa ou sequer olhar para mim.

Respiro fundo, ligo o motor e já ao volante, ligo o rádio mas irra, que hoje é dia. *“Pássaros do sul”*, invadem-me o carro. Um *“bando de asas soltas”* que me tira do sério com as suas *“melodias p’ra cantar às moças em noites de romaria”*. Mudei logo de estação antes que o *“adejo da alvorada”* oscilasse *“a minha mágoa”* e tentei distrair-me a olhar pelo vidro mas só consegui sentir-me pior ainda.

Que tristeza ver o estado a que as nossas ruas chegaram, com tanto lixo por todo o lado. Na primeira hipótese que tenho, estaciono o carro e, para me recompor, vou arejar um pouco a pé. Maldita hora em que lembrei de tal coisa! Não se passaram 2 minutos, quando volto para o carro e noto, estupefacta, que me levaram o espelho do retrovisor!

Já só quero voltar para casa e meter-me outra vez na cama, de onde não devia ter saído, mas não resisto a passar por um posto de combustível porque acabei de verificar que no tanque já só há fumo de gasolina. Raios me partam em dois se eu volto a emprestar o meu carro...

Acabo de abastecer e não é que o Multibanco não estava operacional! Menos mal que tenho sempre algum dinheiro na carteira.

Finalmente chego a casa... mas nem aqui tenho sossego!

Tocam à campainha, o cão desata a ladrar sem que eu o consigo calar e, quando chego à porta, abro-a a ninguém! Vai tocar e fugir p’ró Bolhão, desabafo com os meus botões.

Desisto de calar o cão que continua a ladrar e, quando entro na dispensa onde pretensamente estaria algo para comer, tenho um encontro com o vazio da minha vida.

Assim terminou o meu dia, antes mesmo de começar: fula, de barriga vazia e com o cão sempre a ladrar...

# Fim-de-semana, de pesadelo e de sonho

Vítor Rocha

São 19:00 de sexta-feira com o fim-de-semana à porta e penso para mim mesmo: "Que rico fim-de-semana de descanso. A mulher e o filho combinaram ir passar o fim-de-semana à aldeia com os meus sogros e a casa fica só para mim. Parece um sonho".

Entusiasmado com este pensamento, guardo as coisas na pasta. Neste fim-de-semana nada de fazer horas extras, sagrado, sagradinho que estes dias são só para fazer o que me apetece. E para dourar a pílula, há futebol, joga a Selecção Portuguesa que, nos últimos tempos até anda em maré ganhadora. Já armazenei umas cervejas e umas gambazitas cozidas no frigorífico. Com molho de maionese e piri-piri e umas tostas vão descer a gosto. Era o que mais faltava ter de cozinhar nestes tão raros dias de paz e sossego.

Tão apressado vou que bato a porta do escritório sem reparar que as chaves estavam por dentro na fechadura. Enervo-me por alguns segundos mas depois penso: "Que se lixe!". Não vou estragar o meu fim-de-semana por causa disto. Até segunda-feira há-de chover uma solução na minha cabeça. Não é à toa que me formei em engenharia e, de todas as formas, a porta com a chave por dentro até fica mais segura e tudo...

Apaziguado pelo meu pensamento optimista, saio em passo apressado para fugir à hora de ponta na estrada e ainda poder passar pela peixaria onde costumo comprar o marisco. Dou um salto ao multibanco para levantar dinheiro antes de ir para o carro mas... "Fora de serviço. Por favor dirija-se ao multibanco mais próximo". "Mau, mau..." - penso com os meus botões. "Tem calma homem, não te podes enervar... Pagas com multibanco e pronto".

Apresso-me para chegar ao estacionamento e deparo com um carro estacionado ao lado do meu, em segunda fila. Não tenho outro remédio senão dar umas buzínadelas. Uma, duas, três, e nada... Não aparece ninguém. Começo a ferver e só penso: "Isto não me está a acontecer..." Por fim lá aparece uma adolescente de nariz emproado que me acena um pedido de desculpas com a mão e arranca à *fangio* com o seu Audi 3. Podia ao menos ter aberto a boca para pedir desculpa mas com esta malta nova, filha de papás novos ricos já se sabe... Dinheiro a mais e educação a menos.

Já não fui a tempo de escapar ao trânsito mas, vá lá, nem demoro assim tanto a chegar a casa. E, surpresa das surpresas, tenho lugar mesmo à frente da entrada do prédio. Saio do carro e reparo logo nas luzes acesas nas janelas da minha casa. Raios partam os miúdos que não têm cuidado com nada. Se fossem eles que pagassem a conta ao fim do mês, já não se esqueciam...

Entro no prédio e subo pelas escadas que o elevador está outra vez fora de serviço. Chego ao 4º com os pulmões na goela, meto a chave à porta ainda a arfar mas nem tenho tempo de a rodar. A porta abre-se e fico cara a cara com a minha mulher, toda desgrenhada, com a cabeça cheia de rolos no cabelo e outros tantos na mão. Ainda tento vocalizar o meu descrédito mas ela já açambarcou a cena e nem me deixa abrir a boca.

"Oh querido, chegaste mais cedo que o costume... Não era suposto vires encontrar-me assim... Ainda não chegaste lá? Não faz mal, já sabia que te ias esquecer. Foi por isso que este ano, em vez de me chatear, decidi aproveitar essa tua mania irritante de não olhares para o calendário e surpreender-te. Hoje fazemos vinte anos de casados e fiz-nos uma reserva num sítio espectacular para irmos jantar só nós dois". Dá-me só uns minutinhos que eu fico pronta num piscar de olhos".

E durante este monólogo não consegui mais que ficar de olhos esbugalhados e boca aberta, sem balbuciar palavra. E para quê, se me tinha mesmo esquecido?

Depois do choque inicial, caio na real e fecho a porta atrás de mim. Trocamos um beijo ao de leve, penduro o sobretudo e tiro o casaco e a gravata, pronto para tomar um banho bem quente para relaxar, antes que me dê uma coisa má.

Basta entrar na casa de banho e sentar-me na sanita para reparar que não há papel higiénico. Acabou e não há rolo de substituição. Grito para o outro extremo da casa: "Traz-me um rolo de papel higiénico, se faz favor!", mas sem resposta. Também não faz mal que já perdi a vontade. Conformado com a situação, entro no poliban e abro a torneira do chuveiro que me brinda com água gelada que teima em não aquecer. Pois claro, mandou-me os putos para a mãe dela mas não sem antes eles me gastarem o cilindro.

Depois de um duche às pressas com água fria, vou direito ao quarto onde a minha mulher continua por arranjar e grito-lhe chateado: "Esquece lá isso que eu não estou com pachorra para ir a lado nenhum. Nem imaginas o dia que tive... Ficamos cá por casa que eu trouxe gambas e hoje joga a selecção. Comemora-se à mesma e poupamos uns trocos".

Nem lhe dou tempo para argumentar e desapareço para a cozinha para ir abrindo uma bejeca que bem mereço. Abro a porta do frigorífico e qual não é o meu espanto quando percebo que as garrafas de cerveja que estavam lá esta manhã levaram sumiço. Dou por mim aos gritos no corredor "Mas onde encafuaste tu as cervejas que estavam no frigorífico? Agora vão estar quentes..." Em resposta, ouvi o soluçar da minha mulher. Entro no quarto, já arrependido de ter gritado, mas ela nem me deixa pedir desculpa: "O nosso filho levou as cervejas para a festa com os amigos. Calculei que não te faziam falta porque íamos jantar fora. Agora sai e deixa-me em paz. Fecha a porta atrás de ti, não deixes que o meu choro te incomode."

Faço o que ela manda, envergonhado pela minha atitude e volto para a cozinha. Pego na taça das gambas e no molho de maionese e ponho a mesa, adornada com umas velas de decoração que estavam guardadas numa gaveta há séculos. Volto ao quarto, abro a porta de mansinho e abraço-lhe as lágrimas com os meus braços e um beijo na testa. Peço-lhe desculpa ao ouvido e assumo a responsabilidade do meu mau humor. Esforço-me para compor a coisa: "Amorzinho, anda lá para a mesa. Trouxe umas gambas que são uma delícia. Eu preparo tudo e fazemos a festa aqui. Aproveitamos que estamos sozinhos e trocamos uns mimos. Só para relaxar, esta tensão não nos faz nada bem".

Ela lá acena com a cabeça em anuência e, já sem rolos na cabeça, ergue-se com um robe meio transparente que lhe deixa adivinhar as formas redondas no esplendor dos seus quarenta anos. O jantar corre super bem acompanhado de uma boa conversa, bem disposta e inconsequente, como costumávamos ter quando nos conhecemos. Como não há cerveja, aproveitamos para brindar com champanhe.

Tudo parece recompor-se aos poucos. Mas depois de arrumarmos a mesa e afundarmos no sofá, eu quero ver o futebol na tv mas ela insiste na novela do canal 69 que a box não gravou. Ficamos num liga, desliga, liga, desliga que começa a azedar a noite. "Não há stress" – digo eu para por um fim naquele arrufo – "Nem futebol, nem novela. Ganhamos os dois!" E dou-lhe um beijo à séria. Dizem que uma noite de amor sara as feridas de uma desavença e com razão. Enrolamo-nos em abraços e amassos com as gambas afrodisíacas a surtir efeito e a ajudar à "festa".

Eis que, já em preliminares mais avançados, toca o telemóvel. Estico o braço para trás, e tateio a mesa à procura do telemóvel para o desligar de vez, vendo pelo canto do olho que se tratava de uma chamada anónima. A nudez de um peito branco reluzindo no escuro assegura-me que tomei a opção certa. E a noite de amor prossegue sem mais percalços. Entrega total. Finalizamos abraçados, cansados mas felizes e a rir muito. Em surdina, vá lá alguém saber porquê...

E assim, acabamos por adormecer.

Às 07:30 de sábado, acordo estremunhado com o som do despertador. "Raios! Esqueci-me de o desligar ontem à noite". Mas depressa me viro na cama e a beijo nos lábios enquanto ela semicerra os olhos com um lindo sorriso de preguiça matinal.

O que começou com um pesadelo, alinha-se como um fim-de-semana de sonho em perspectiva...

Agora só falta saber se a selecção ganhou o jogo...

Mas só daqui a pouco.